

CAMARA LAYE

O menino negro

Tradução
ROSA FREIRE D'AGUIAR

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 1953 by Plon
O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
L'enfant noir

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Adilson Miguel

Revisão
Ana Maria Barbosa
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laye, Camara, 1928-1980.

O menino negro / Camara Laye ; tradução de Rosa Freire
d'Aguilar. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: L'enfant noir.
ISBN 978-85-65765-07-7

1. Autores guineanos – Século 20 – Biografia 2. Camara, Laye,
1928-1980 3. Guiné – Vida social e costumes I. Título.

12-14708

CDD-916.652

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores guineanos : Biografia : África : Descrição 916.652

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

1

Eu era criança e brincava perto do casebre do meu pai. Que idade tinha naquela época? Não lembro exatamente. Devia ser ainda muito novinho: cinco anos, seis no máximo. Minha mãe estava na oficina, perto de meu pai, e as vozes deles chegavam a mim, tranquilas, me sossegando, misturadas com as dos clientes da forja e com o barulho da bigorna.

Interrompi a brincadeira abruptamente, com a atenção, toda a minha atenção, voltada para uma cobra que rastejava ao redor do casebre, que parecia de fato passear ao redor do casebre, e logo me aproximei. Eu tinha apanhado um caniço que estava ali no quintal — sempre havia alguns, que se soltavam da cerca de bambus trançados que fecha a nossa concessão* — e agora enfiava aquele caniço na goela do bicho. A cobra não se esgueirava, tomava gosto na brincadeira; engolia devagar o caniço, engolia-o como se fosse uma presa, com

* Na África, o termo costumava designar um terreno concedido pela administração colonial ou simplesmente um grande terreno cercado em que havia, em torno de um pátio, casas de habitação e oficinas de trabalho de uma mesma família. (N. T.)

idêntica volúpia, pensava eu, com os olhos brilhando de felicidade, e pouco a pouco sua cabeça se aproximava de minha mão. Chegou um momento em que o caniço ficou mais ou menos todo dentro dela e a cara da cobra ficou terrivelmente perto de meus dedos.

Eu ria, não tinha o menor medo, e acho que a cobra não demoraria muito a enfiar seus dentes em meus dedos se, naquele instante, Damany, um dos aprendizes, não tivesse saído da oficina. Ele fez um sinal para meu pai, e quase na mesma hora me senti içado do chão: eu estava nos braços de um amigo de meu pai!

Ao meu redor, faziam muito barulho; minha mãe, sobretudo, gritava alto e me deu uns tapas. Comecei a chorar, mais transtornado com o tumulto que se formara tão inesperadamente do que com os tabefes recebidos. Mais tarde, quando me acalmei um pouco e em volta de mim os gritos pararam, ouvi minha mãe me advertir severamente para nunca mais recommençar uma brincadeira dessas; prometi a ela, embora o perigo de minha brincadeira não me parecesse claro.

Meu pai tinha seu casebre nos arredores da oficina, e volta e meia eu brincava por ali, no alpendre que o cercava. Era o seu casebre pessoal. Era feito de tijolos de terra batida e amassada com água; e como todos os nossos casebres, redondo e orgulhosamente coberto de colmo. Penetrava-se nele por uma porta retangular. Dentro, uma claridade escassa chegava por uma janelinha. À direita, havia a cama, de terra batida como os tijolos, guarnecida de uma simples esteira de palha trançada e de um travesseiro estofado de paina. No fundo do casebre e bem debaixo da janelinha, onde havia mais claridade, ficavam as caixas de ferramentas. À esquerda, os bubus* e as peles de oração. Finalmente, na cabeceira da cama, acima do travesseiro e velando pelo sono de meu pai, havia uma série de potes con-

*Túnica usada na África por homens e mulheres, de formas variadas. (N.T.)

tendo extratos de plantas e de cascas de árvores. Todos esses potes tinham tampas de lata e eram ricamente rodeados por curiosas enfiadas de conchinhas de cauris; logo se compreendia que eles eram o que havia de mais importante no casebre; na verdade, continham os gris-gris, esses líquidos misteriosos que afastam os maus espíritos e que, por pouco que sejam passados no corpo, o tornam invulnerável aos feitiços, a todos os malefícios. Meu pai, antes de se deitar, nunca deixava de besuntar o corpo com eles, passando um, passando outro, pois cada líquido, cada gri-gri tem sua propriedade particular; mas qual virtude exatamente? Ignoro: abandonei meu pai cedo demais.

Do alpendre em que brincava, eu tinha vista direta para a oficina, e eles, por sua vez, mantinham os olhos em mim o tempo todo. Essa oficina era o elemento principal de nossa concessão. Em geral meu pai estava sempre ali, dirigindo o trabalho, forjando ele mesmo as peças principais ou consertando as mecânicas delicadas; ali recebia amigos e clientes; e tanto assim que vinha dessa oficina um barulho que começava com o dia e só terminava com a noite. Além do mais, qualquer um que entrava ou saía de nossa concessão devia atravessar a oficina; donde o vaivém eterno, embora ninguém parecesse especialmente apressado, embora todos tivessem algo a dizer e de bom grado ali se demorassem, acompanhando com os olhos o trabalho da forja. Às vezes eu me aproximava, atraído pelo clarão da fornalha, mas raramente entrava, pois aquelas pessoas todas me intimidavam muito, e eu dava no pé assim que tentavam me agarrar. Meu domínio ainda não era lá; foi só muito mais tarde que me habituei a agachar na oficina e olhar o brilho da fornalha da forja.

Naquele tempo, meu domínio era o alpendre que rodeava o casebre de meu pai, era o casebre de minha mãe, era a laranjeira plantada no centro da concessão.

Logo que se atravessava a oficina e se cruzava a porta dos fundos, era possível avistar a laranjeira. Comparada com as

gigantes das nossas florestas, a árvore não era muito grande, mas de sua massa de folhas envernizadas caía uma sombra compacta que afastava o calor. Quando ela floria, um cheiro persistente se espalhava por toda a concessão. Quando apareciam as frutas, só tínhamos autorização para olhá-las: devíamos esperar pacientemente que amadurecessem. Meu pai, que como chefe de família — e chefe de uma família numerosa — governava a concessão, dava então a ordem de colhê-las. Os homens que faziam essa colheita traziam, devagar, as cestas para meu pai, e ele as dividia entre os habitantes da concessão, os vizinhos e os clientes; depois disso, podíamos pegar frutas nas cestas, e à vontade! Meu pai as dava fácil, e até mesmo prodigamente: qualquer um que se apresentasse compartilhava nossas refeições, e como eu não comia tão depressa quanto esses convidados, correria o risco de ficar eternamente com fome, se minha mãe não tivesse a precaução de reservar minha parte.

— Fique aqui — ela me dizia — e coma, pois seu pai está louco.

Ela não via com muito bons olhos esses convidados, numerosos demais para seu gosto, apressados demais em pegar comida no prato. Meu pai, de seu lado, comia muito pouco, era de extrema sobriedade.

Morávamos na beira da estrada de ferro. Os trens margeavam a barreira de bambus que limitava a concessão, e, para falar a verdade, a margeavam de tão perto que de vez em quando as fagulhas que escapavam da locomotiva punham fogo na cerca; era preciso ir correndo apagar o início de incêndio se não quiséssemos ver tudo se queimar. Esses alertas, meio assustadores, meio divertidos, chamavam minha atenção para a passagem dos trens; e mesmo quando não havia trens — pois a passagem dos trens, nessa época, ainda dependia inteiramente do tráfego fluvial, que era dos mais irregulares —, eu passava longos momentos contemplando a via férrea. Os trilhos

brilhavam violentamente sob uma luz que, naquele local, nada filtrava. Aquecido desde a aurora, o lastro de pedras vermelhas ficava escaldante, a tal ponto que o óleo que caía das locomotivas logo secava e dele não sobrava nem vestígio. O que atraía as cobras seria esse calor, que parecia um forno, ou o óleo, o cheiro de óleo que, apesar de tudo, subsistia? Não sei. O fato é que volta e meia eu flagrava as cobras rastejando sobre aquelas pedras cozidas e recozidas pelo sol; e fatalmente acontecia de as cobras penetrarem na concessão.

Desde que fora proibido de brincar com as cobras, eu mal avistava uma e já ia correndo para perto de minha mãe.

— Tem uma cobra! — eu gritava.

— Mais uma! — exclamava minha mãe.

E ela vinha ver que tipo de cobra era. Se fosse uma cobra como as outras — na verdade, eram muito diferentes entre si! —, matava-a imediatamente a pauladas e não desistia, como todas as mulheres de nossa terra, até reduzi-la a mingau; ao passo que os homens, por sua vez, se contentavam com uma pancada seca, dada com firmeza.

Um dia, porém, observei uma pequena cobra preta de corpo particularmente brilhante, que se dirigia sem pressa para a oficina. Corri para avisar minha mãe, como tinha me habituado; mas ela, batendo os olhos na cobra preta, me disse gravemente:

— Essa, meu filho, não devemos matar: essa cobra não é como as outras, não lhe fará nenhum mal; por isso, nunca contrarie o caminho dela.

Ninguém na nossa concessão ignorava que essa cobra não devia ser morta, a não ser eu, a não ser meus amiguinhos de brincadeiras, imagino, pois ainda éramos crianças ingênuas.

— Essa cobra — acrescentou minha mãe — é o gênio de seu pai.

Observei, pasmo, a cobrinha. Seguia seu caminho para a oficina; avançava graciosamente, pelo visto muito segura de si,

como que consciente de sua imunidade; seu corpo brilhante e negro resplandecia na luz crua. Quando chegou à oficina, percebi que havia ali, rente ao chão, um buraco na parede. A cobra desapareceu por aquele buraco.

— Está vendo? A cobra vai fazer uma visita a seu pai — disse ainda minha mãe.

Embora o maravilhoso me fosse familiar, fiquei mudo, tamanho era meu espanto. O que é que uma cobra tinha a ver com meu pai? E por que aquela cobra especificamente? Não a matavam porque ela era o gênio de meu pai! Pelo menos era essa a razão que minha mãe dava. Mas, pensando bem, o que era um gênio? O que eram esses gênios que eu encontrava por todo lado, que proibiam tal coisa, comandavam tal outra? Eu não entendia claramente, ainda que crescesse na intimidade deles. Havia gênios bons, havia gênios maus; e mais maus que bons, parece-me. E o que é que me provava que aquela cobra era inofensiva? Era uma cobra como as outras; uma cobra preta, sem dúvida, e certamente uma cobra de um brilho extraordinário, mas, afinal, uma cobra! Eu estava em absoluta perplexidade, mas nada perguntei à minha mãe; pensava que devia interrogar diretamente meu pai, sim, como se esse mistério fosse um assunto a debater apenas entre homens, um assunto e um mistério que não diz respeito às mulheres; e resolvi esperar a noite.

Logo depois do jantar, quando, terminadas as conversas, meu pai se despediu dos amigos e se retirou para o alpendre de seu casebre, fui até ele. Comecei a questioná-lo a torto e a direito, como fazem as crianças, e sobre todos os assuntos que se apresentavam a meu espírito; na verdade, eu não agia de forma diferente nas outras noites, mas naquela noite fazia assim para disfarçar o que me preocupava, procurando o instante favorável em que, como quem não quer nada, faria a pergunta que me interessava tanto desde que tinha visto a cobra preta se dirigir para a oficina. E de repente, não aguentando mais, disse:

— Pai, que cobra é essa que vai visitar você?

— De que cobra está falando?

— Bem, da cobra preta que mamãe me proibiu de matar.

— Ah! — ele disse.

Olhou-me durante um tempão. Parecia hesitar em responder. Provavelmente pensava em minha idade, provavelmente se perguntava se não era cedo para contar esse segredo a uma criança de doze anos. Depois, de repente, se decidiu.

— Essa cobra — disse — é o gênio de nossa raça. Entende?

— Entendo — eu disse, embora não entendesse muito bem.

— Essa cobra — prosseguiu — está sempre presente; sempre aparece para um de nós. Na nossa geração, foi a mim que se apresentou.

— Sei — eu disse.

E disse isso com força, pois me parecia evidente que a cobra só podia ter se apresentado a meu pai. Não era meu pai o chefe da concessão? Não era ele que comandava todos os ferreiros da região? Não era o mais hábil? Enfim, não era ele meu pai?

— Como ela apareceu? — perguntei.

— Primeiro se apresentou na forma de sonho. Várias vezes, ela me apareceu e me disse que, no dia em que fosse realmente se apresentar a mim, especificaria a hora e o lugar. Mas na primeira vez que a vi de verdade, fiquei com medo. Considerava-a uma cobra como as outras e tive de me conter para não matá-la. Quando ela percebeu que eu não lhe dava a menor acolhida, virou-se e partiu por onde tinha vindo. E eu a vi ir embora e continuei me perguntando se não deveria, pura e simplesmente, tê-la matado, mas uma força mais poderosa que minha vontade me segurava e me impedia de persegui-la. Fiquei olhando enquanto ela desaparecia. E até mesmo nesse momento, ainda nesse momento, poderia facilmente tê-la

agarrado: bastaria dar umas boas passadas; mas uma espécie de paralisia me tomava. Esse foi meu primeiro encontro com a pequena cobra preta.

Calou-se um momento, depois recomeçou:

— Na noite seguinte, reví a cobra em sonho. “Vim como tinha avisado”, ela disse, “e você não me deu a menor acolhida; eu o vi até mesmo prestes a me dar uma má acolhida, li em seus olhos. Por que me rejeita? Sou o gênio da sua raça, e é como gênio da sua raça que me apresento a você, o mais digno. Portanto, pare de me temer e tome cuidado para não me rejeitar, pois lhe trago o êxito.” Acolhi a cobra quando ela se apresentou pela segunda vez; e desde então a recebo sem medo, recebo-a com amizade, e ela nunca me fez senão o bem.

Meu pai se calou mais um instante e depois me disse:

— Você mesmo está vendo que não sou mais capaz que qualquer outro, que não tenho nada mais que os outros, e que até tenho menos, já que dou tudo, já que daria até minha última camisa. Porém, sou mais conhecido que os outros, e meu nome está em todas as bocas, e sou eu que comando todos os ferreiros dos cinco cantões ao redor. Se é assim, é somente pela graça dessa cobra, gênio de nossa raça. É a essa cobra que devo tudo, e é ela também que me adverte de tudo. Por isso, não me espanto, ao acordar, de ver esse ou aquele me esperando na frente da oficina: sabia que esse ou aquele estaria lá. Não me espanto tampouco quando acontece algum problema com a motocicleta ou com a bicicleta desse ou daquele, ou algum acidente de relojoaria: eu sabia de antemão o que aconteceria. Tudo me foi ditado durante a noite, assim como todo o trabalho que eu teria de fazer, de modo que, de imediato, sem precisar refletir a respeito, sei como vou resolver o que me apresentam; e foi isso que criou minha fama de artesão. Mas, pense bem, devo isso à cobra, devo isso ao gênio da nossa raça.

Calou-se, e então eu soube por que meu pai, quando voltava do passeio e entrava na oficina, podia dizer aos apren-

dizes: “Na minha ausência, fulano ou beltrano vieram aqui, estavam vestidos assim, vinham de tal lugar e traziam tal trabalho”. E todos ficavam maravilhados com esse estranho saber. Agora eu compreendia de onde meu pai tirava seu conhecimento dos fatos. Quando levantei os olhos, vi que ele me observava.

— Eu lhe disse tudo isso porque você é meu filho, o meu filho mais velho, e porque não tenho nada a lhe esconder. Há um comportamento a manter e certos modos de agir para que um dia o gênio de nossa raça também se dirija a você. Eu tinha essa linha de conduta que determina que o gênio venha nos visitar; ah!, talvez inconscientemente. Mas o fato é que, se você quiser que o gênio de nossa raça o visite um dia, se quiser herdá-lo, terá de adotar esse mesmo comportamento; terá, de agora em diante, que estar mais comigo.

Olhava-me com paixão, e repentinamente suspirou.

— Tenho medo, tenho muito medo, filhinho, de que você não possa estar comigo o bastante. Você vai à escola e, um dia, trocará essa escola por outra maior. Você me abandonará, filhinho...

E novamente suspirou. Eu via que ele estava com o coração apertado. A lamparina protegida contra o vento, pendurada no alpendre, o iluminava com uma luz crua. De repente ele me pareceu envelhecido.

— Pai! — exclamei.

— Filho... — ele disse a meia-voz.

E eu já não sabia se devia continuar a ir à escola ou se devia ficar na oficina: estava numa indescritível perturbação.

— Agora vá — disse meu pai.

Levantei-me e dirigi-me ao casebre de minha mãe. A noite cintilava de estrelas, a noite era um campo de estrelas; um mocho piava, pertinho. Ah! Qual era o meu caminho? Eu ainda sabia qual era o meu caminho? Meu desespero era a imagem do céu: um lugar sem limites; mas, infelizmente, sem

estrelas... Entrei no casebre de minha mãe, que então era o meu, e logo fui dormir. O sono, porém, me fugia, e eu me agitava sobre a coberta.

— O que você tem? — disse minha mãe.

— Nada — respondi.

Não, eu não tinha nada de que pudesse falar.

— Por que não dorme? — perguntou.

— Não sei.

— Durma! — ela disse.

— Sim — respondi.

— O sono... Nada resiste ao sono — ela disse tristemente.

Por que ela também parecia triste? Teria sentido meu desespero? Ela sentia fortemente tudo o que me agitava. Eu buscava o sono, mas, por mais que tivesse fechado os olhos e me obrigado a ficar imóvel, a imagem de meu pai sob a lamparina não me largava: meu pai, que de repente parecera tão envelhecido, ele, que era tão jovem, tão alerta, mais moço e mais vivo que nós todos, e que não deixava ninguém ultrapassá-lo na corrida, que tinha pernas mais velozes que nossas jovens pernas... “Pai!... Pai!...”, eu me repetia. “Pai, que devo fazer para agir bem?” E chorava em silêncio. Adormeci chorando.

Posteriormente, a pequena cobra preta não foi mais assunto entre nós: meu pai tinha me falado dela pela primeira e última vez. Mas, desde então, assim que eu avistava a cobrinha, corria para me sentar na oficina. Olhava a cobra se esgueirar pelo buraco da parede. Como que advertido de sua presença, no mesmo instante meu pai virava o olhar para ela e sorria. A cobra se dirigia direto para ele, abrindo a goela. Quando estava a seu alcance, meu pai a acariciava com a mão e a cobra aceitava sua carícia com um estremecimento de todo o corpo; nunca vi a cobrinha tentar lhe fazer o menor mal. Essa carícia e o estremecimento que a ela respondia — mas eu deveria

dizer: essa carícia que a chamava e o estremecimento que a ela respondia — sempre me jogavam numa inexprimível confusão: eu não sabia que misteriosa conversa era aquela, a mão interrogava, o estremecimento respondia...

Sim, era como uma conversa. Será que eu também, um dia, conversaria dessa maneira? Mas não: eu continuava a ir à escola! No entanto, eu gostaria, gostaria tanto de também pôr a mão na cobra, compreender, escutar, eu mesmo, esse estremecimento, mas não sabia como a cobra acolheria minha mão e não imaginava que ela tivesse algo a me contar, temia que nunca tivesse algo para me contar...

Quando meu pai considerava que tinha acariciado bastante o bichinho, ele o deixava; e então a cobra se aninhava numa das beiras da pele de carneiro sobre a qual meu pai se sentava, diante de sua bigorna.